

Escola Municipal Professora Maria Aparecida Mota

“A Cada Conto Um Encanto”

Lendas e Mitos que o Povo Conta em Araguatins



Araguatins - TO, 2015

“A CADA CONTO UM ENCANTO”

LENDAS E MITOS QUE O POVO CONTA EM ARAGUATINS

Organizadores:

André Cordeiro
Érica de Cássia M. F. Rodrigues
Iguslândia Silva de Sá
Maria Luciene Pereira de Oliveira Santos
Sirleide Lopes Martins

Revisão:

Érica de Cássia M. F. Rodrigues

Professoras-pesquisadoras:

Iguslândia Silva de Sá & Sirleide Lopes Martins

Contadores de histórias – colaboradores da pesquisa:

Aldemar Borges, Lúcio Santos Ferreira e João do Bernaldo

Histórias transcritas por:

Sirleide Lopes Martins

Ilustradores:

Elivania Soares dos Santos, Cícero Ribeiro Barros Júnior, Laisa Mathilde
Lopes Dantas, Wheversson Rodrigo Lopes Dantas & Whauber Euripedes Filho
Lopes Dantas

Alunos – pesquisadores:

Turmas multisseriadas: Educação Infantil & Séries Iniciais do Ensino
Fundamental – 2015.

Turma da Educação Infantil:

Professora regente de sala: Iguslândia Silva de Sá

Ana Clara Moraes Oliveira
Bruno Miranda Rodrigues
Érica Ramos Freitas
Gustavo Miranda de Souza
Jerberson dos Santos da Silva

Keliane dos Santos da Silva
Maria Aparecida Machado
Railson Carvalho da Silva
Rychardysson França de Oliveira
Thaylson Gabriel Araújo Barros

Turma das Séries Iniciais do Ensino Fundamental: Professora Regente de
Sala: Sirleide Lopes Martins

Alexandre Ferreira Alencar
Andriele Carvalho Silva
Angela Melo de Oliveira
Bruno Lopes da luz
Cícero Ribeiro Barros Júnior
David de Oliveira Rodrigues
Elivania Soares dos Santos
Eloá Carvalho Pereira
Geovana dos Santos Gomes
Isadora Sousa Silva
Jordanna dos Santos Gomes
Kamila Lorranna Lopes Dantas
Kauane da Silva Karvalho
Laísa Mathilde Lopes Dantas
Lucas Miguel Conceição de
Oliveira
Maria Eduarda Carvalho Silva

Maria Izabela Oliveira Rocha
Maria Luiza Oliveira da Silva
Mateus Tomé da Silva
Matheus Pereira dos Santos
Nycollas Matheus Barbosa de
Jesus
Rafael Machado da Silva
Raiane Carvalho da Silva
Richarlysson França de Oliveira
Samara Barbosa Lopes
Sara Lúcia Pereira dos Santos
Sheyxanannchelly Araújo Barros
Wesley Azevedo de Oliveira
Whauber Euripedes Filho Lopes
Dantas
Wheversson Rodrigo Lopes
Dantas
Wyllyan Junior Arruda de Lima

SUMÁRIO

A Boiuna.....	7
O Capelobo da Encruzilhada.....	7
O Boi D'água.....	8
O segredo da sucupira	9
A Matinha da Boa Sorte	9
O jacaré Cegão.....	10
O Boto que assovia.....	11
A serra do Rosa e o porãozeiro	11
O Travessão.....	12
Maria Boto	12
A Pedra Grande.....	13
Mãe D'água	14
O Boto	14
Nego Velho.....	15
As corredeiras de Santa Izabel	16
O Canto do Irapuru.....	17
A Onça que Falou.....	17
Nonatinho.....	18
Pai do Mato	19
A Porteira Mal Assombrada.....	20

Caro Leitor,

Este livro é um resgate de algumas histórias, lendas e mitos que o povo conta no município de Araguatins – TO e nasceu de um convite do Professor Me. André Cordeiro para participar do projeto “IV Jornada da Leitura” coordenada pela equipe da Brinquedoteca “Mário de Andrade” da UFT em Tocantinópolis.

Cotidianamente, apresentamos aos nossos alunos um bonito passeio pelo universo literário através da leitura em sala em momentos diversos e agradáveis. E num desses passeios encontramos a escritora Irma Galhardo que através das suas obras deixa fluir a paixão pela história e a diversidade cultural tocantinense. Regidos por esta escritora tivemos o ímpeto de pesquisar sobre as lendas e mitos que pertencem à região de Araguatins.

Engajados nessa construção e mais uma vez surpreendidos pelo professor Me. André aceitamos o desafio de reunir todo o nosso repertório de pesquisa, transformando – o em um livro.

E para que tudo isso se tornasse material, contamos com alguns moradores anciãos donos de um vasto repertório narrado nas rodas de contação de histórias. Houve até aqueles que movidos pelo romantismo e nutridos pelas belezas do frondoso rio Araguaia, se deixaram levar pela poesia e nos permitiram belas narrativas poéticas.

Outro momento bonito, foi a visita aos povos ribeirinhos e da Comunidade Quilombola da ilha de São Vicente, fundada em 1888 por Henrique Julião Barros, avô do Sr. Salvador Batista Barros que nos saciou com seu acervo e repertório de histórias de pescador do Araguaia. A experiência do ir a busca do desconhecido, nos rendeu também o prazer de flutuar nas águas barrentas do Araguaia nos pontos da serra do Rosa, Pedra Grande, ilha do Muricizal, Travessão dentre outros lugares descritos nos relatos dos contadores de histórias.

Todas as histórias coletadas foram ao encontro dos alunos na sala de aula pela nossa voz de professora. Na sequência, o desafio foi transcrever colaborativamente cada uma das histórias, sem comprometer a essência de cada narrativa. Além disso, desenvolvemos uma oficina de desenho motivando os alunos a ilustrarem as histórias ouvidas com o propósito de que compusessem o livro. E em cada traço vimos nascerem belas produções e foi difícil selecionar os desenhos que ilustrariam cada narrativa. Nesse contexto escolar de profunda interação e estreitamento de vínculos, (re) significamos a nossa relação de professor e aluno, e nos assumimos sujeitos desse processo, ora como ouvintes, ora

pesquisadores e nessa interlocução as narrativas se materializaram em formas, cores, palavras e emoção.

Enfim, a presente coletânea ganha forma e cor com o apoio da Secretaria Municipal de Educação de Araguatins, deixando de ser um projeto pessoal e passando a ser coletivo, pois envolve sujeitos diversos e que ao longo do percurso assumiram papel significativo na composição da obra. Por isso, esperamos que as narrativas que compõem essa obra que nos orgulha e emociona, encontre no seu tempo os seus leitores e os encante.

Boa leitura!

A Boiuna

Lúcio Alves Oliveira¹

Eu cresci ouvindo as histórias do meu avô canoeiro acostumado a descer e subir as correntezas do rio Araguaia, mesmo não acreditando nos relatos daqueles que juravam ter visto a Boiuna lá para as bandas da ilha do Muricizal. Sem falar nos relatos de ataques feitos pela Boiuna às embarcações que transportavam animais silvestres, caças, e melancias.

Assim começou a narrativa:

Dizem que naquele tempo, a Boiuna carregava tudo, sem fazer mal a tripulação ou afundar a embarcação. Mas, nos dias de hoje, ela vive enfurecida.

Naquela tarde, quando o sol no horizonte começava a beijar as águas do rio Araguaia, meu avô e eu remávamos próxima a cidade de São Domingo no Pará quando de repente a uns cem metros avistamos uma serra comprida, cheia de ondulações.

Chegando mais perto, vimos que não era uma serra, mas uma enorme serpente, a famosa Boiuna que repousava parte de seu corpo numa ilha, enquanto sua cabeça tocava malmente o barranco do rio.

Ao perceber o que estava à nossa frente, deixamos que a correnteza arrastasse a canoa no remanso silencioso do rio Araguaia até que retomados do espanto começamos a remar em direção a cidade de Araguatins no Tocantins.

Horas depois a noite caiu de vez, e ficamos iluminados apenas pelo clarão da lua e fomos seguindo rio abaixo. Passamos pelo temido Travessão até que esbarramos em um tronco grosso que boiava na água impedindo a canoa de seguir viagem.

Vovô depois de cutucar o tronco com o remo sentou se na canoa esmorecido e disse: _ Meu filho! Isso não é um pau, mas a ponta do rabo da Boiuna.

O vovô ficou em pé na canoa, fez um gesto pedindo silêncio, pegou o remo, empurrou o rabo da serpente para baixo e pediu que eu remasse para que a canoa passasse por cima, e seguíssemos em frente rumo ao Cais do Porto.

Acredite! Isso não é história de pescador.

O Capelobo da Encruzilhada

Lúcio Alves Oliveira

Existem várias versões relacionadas as visagens do Capelobo, em diversos lugares do Brasil. Em Araguatins não é diferente. No povoado da Água Roxa haviam várias ocorrências incluindo a aparição de um monstro cabeludo assombrando as famílias da localidade.

O senhor Lúcio começa dizendo:

_ As mulheres e moças não tinham mais coragem sequer de ir à missa ou ao culto à noite, com medo de serem atacadas pela criatura.

_ Certa noite, ao cavalgar pela estrada a caminho de sua casa, um homem destemido que não se deixava amedrontar pelas histórias contadas no povoado da Água Roxa, seguia seu destino quando avistou ao longe na encruzilhada, um vulto estranho. Não conseguindo distinguir se o que via era um homem ou um

¹ Lúcio Alves Oliveira é Pedagogo e poeta, atua na Rede Municipal de Ensino de Araguatins como diretor do departamento de Transporte Escolar na Secretaria Municipal de Educação. É filho de Manuel Alves da Silva e Albertina Alves de Oliveira, nascidos e criados no município de Araguatins, onde também criaram todos os filhos.

cachorro, pois tal criatura hora deitava se rolando pelo chão, hora se levantava fazendo movimentos brutos como se estivesse rasgando alguma coisa.

_ Imaginando que talvez aquela criatura estivesse precisando de ajuda, o homem puxou a rédea do cavalo diminuindo suas passadas, e aos poucos foi se aproximando com os olhos fitados naquela criatura que sem perceber a aproximação do cavaleiro, foi então surpreendido ao escutar:

_ Vire-se ou eu atiro.

_ A Criatura assustada se virou de uma só vez suplicando:

- Por favor, compadre, não atire. Sou eu!

_ Ouvindo isto o homem que estava a cavalo fitando bem os olhos na face da criatura, reconheceu os traços do seu compadre, que apesar de ter pelos no corpo todo, conservava o mesmo semblante.

_ O compadre embora bastante surpreso não atirasse, tempos depois na mesma encruzilhada o capelobo não teve a mesma sorte.

O Boi D'água

Lúcio Alves Oliveira

Naquele dia, acordaram todos muito animados. Era o início das férias escolares e os dois primos, desta história que vamos contar, não viam a hora de pegar a canoa e ir pescar no rio.

A madrinha do garoto mais novo, dona Izaurina, ficou em casa na cozinha preparando um delicioso bolo e uma carne de sol. Ela também fazia aquele cafezinho gostoso e um suco de tamarindo.

Enquanto isso, os dois primos e o padrinho saíram atrás de iscas para a pescaria. Os meninos estavam ansiosos. Subiria o rio Araguaia, à tardinha, rumo ao poço da Catita.

Tudo pronto, a madrinha estava com a matula de lanche arrumada. O padrinho com as iscas e anzóis de todos os tipos no saco. E os primos, com as varas de pescar e caniços prontos.

Na velha canoa, estavam quatro remos, duas adagas que serviam para tratar os peixes e uma corda amarrada a uma pedra enorme. Ela serviria de âncora para atracar a canoa, enquanto pescassem no meio do rio.

A tarde caiu, os primos e os padrinhos partiram animados para a tão esperada pescaria. Chegando ao poço da Catita, o padrinho ancorou a canoa com a pedra amarrada à corda. A madrinha pediu que cada um dos meninos ficasse olhando para os dois pontos na linha do horizonte do rio Araguaia. Precisavam evitar que algo de estranho se aproximasse, pois havia relatos de pescadores que diziam que coisas estranhas teriam acontecido ali.

De repente, um dos primos, enquanto devorava um pedaço de bolo, falou:

- Padrinho, olha lá! Tem um tronco grosso de árvore vindo pra cá, em nossa direção.

Quando o padrinho e a madrinha olharam, o tronco sumiu.

Os dois primos, muito curiosos, continuaram atentos. Fitavam bem os olhos naquele local. Até que:

_ Olha lá, o tronco de novo.

Desta vez, todos viram quando ele sumiu e tornou a aparecer. E vinha depressa, rumo à canoa. Todos estavam muito assustados. O padrinho pegou o facão e cortou a corda. A canoa se desprende da pedra e todos, cada qual

pegando um remo, começou a remar depressa, rumo ao barranco do rio Araguaia.

Apavorados, saltaram da canoa e correram mato adentro. Porém, um dos primos, caindo ao chegar ao barranco, preferiu subir em uma árvore. Embora com medo, ficou observando lá do alto e viu quando saiu de dentro do rio Araguaia, um monstro comprido, com cabeça de boi e quatro chifres na cabeça.

A criatura olhou e cheirou a canoa, andou à sua volta e retornou para as profundezas do rio Araguaia, sua morada. A criatura já foi vista por outras pessoas, geralmente pescadores e ficou conhecida pelo nome de Boi d'água. Até hoje ele vive lá, nesse mesmo lugar, o Poço da Catita.

O segredo da sucupira

Lúcio Alves Oliveira

Na região da Boa Sorte, durante a década de 60, coisas estranhas vinham assombrando os moradores daquela região. Relatos de um professor que exerceu seu ofício na localidade, conta que a vegetação da região era muito densa, e mesmo sendo um povoado na zona rural do município de Araguatins, os moradores residiam longe uns dos outros.

Em um trecho do povoado da Boa Sorte havia um mistério que encafifava os moradores. Por ali nos arrabaldes de uma enorme e centenária árvore da espécie Sucupira, surgiam aparições que corriam atrás dos moradores e viajantes que passavam por perto.

Jovens contavam que em plena luz do dia, ao tentarem subir na enorme árvore sentiam ser puxados pelas pernas. Os mais corajosos que teimavam em subir, contavam que recebiam beliscões e empurrões ao agarrarem no tronco da enorme Sucupira.

Sem saber de nada, certo viajante acompanhado de seu cachorro, ambos cansados da viagem pararam na frondosa sombra. O homem amarrou seu cavalo à sombra e se deitou apoiando sua cabeça na raiz da grande árvore.

Surpreso começou a escutar cochichos em uma língua estranha. Foi quando viu um vulto esfumado de um índio velho que lhe fazia sinal para que saísse dali.

O cachorro latindo muito para a aparição, começou a cavar entre as raízes. De repente descobriu enterrados ossos humanos.

Assustado, o viajante procurou as autoridades locais, que após várias investigações descobriu que ali, no entorno da frondosa Sucupira havia um cemitério indígena de uma tribo muito antiga, que foi extinta a muitos e muitos anos pelos bandeirantes que passaram por esta região à procura de ouro.

A Matinha da Boa Sorte

Lúcio Alves Oliveira

Este fato aconteceu na estrada da Boa Sorte, na Boca da Mata, região do Boqueirão.

Já era noite, vinha um moço numa moto Biz da Boa Sorte, por volta das 7 horas. A estrada estava deserta quando ao chegar à região do Boqueirão o moço enxergou ao longe, vindo em sua direção, uma luz muito forte. Não era carro, nem moto. A luz era tão forte e de cor avermelhada, e estava suspensa cerca de um metro de altura do chão.

A moto Biz do moço parou de funcionar de repente. Ele apoiou o pé no chão para não cair e com medo, mas sempre olhando para frente, percebia que a luz se aproximava velozmente. E era tão forte que encandeava a visão e o moço nem conseguiu distinguir o que era aquilo.

_ Parecia ser um enorme cachorro de olhos vermelhos flutuando. Disse o moço:

O moço ficou paralisado em cima da sua moto, e por mais que tentasse não conseguia se mexer.

A criatura passou tão perto que esbarrou no guidom da moto dando um choque elétrico no moço que permaneceu cerca de meia hora imóvel e inconsciente.

_ Eu via tudo. Sentia medo, mas não conseguia me mexer.

O moço permaneceu imóvel até o seu celular tocou. Era seu irmão que estava preocupado com a sua demora. Ainda tonto ali, no meio do nada, na Boca da Mata, aos poucos foi retomando seus movimentos e retornou para sua casa em Araguatins.

No dia seguinte, suas pernas estavam bem inchadas e seus pés pareciam queimados dentro das botinas, que mal conseguiu tirar de tão inchados que estavam seus pés.

Durante dias, sua percepção tátil não funcionava.

_ Parecia que o corpo não era meu.

Aos poucos a sua sensibilidade foi voltando, até que normalizou.

Assim como aquele moço, vários moto-taxi afirmam também terem visto este cachorro de olhos de fogo, e evitam fazer viagens sozinhas à noite na estrada do Boa Sorte, na Boca da Mata na região do Boqueirão.

O jacaré Cegão

Salvador Batista Barros²

O jacaré Cegão é uma história contada pelo senhor Salvador Batista Barros, um dos pescadores ribeirinhos da ilha de São Vicente no rio Araguaia. Ele conta que há muitos anos um jacaré de cinco metros de comprimento vem assombrando, perseguindo e atacando pescadores na comunidade Angical, Travessão, dentre outros pontos do rio Araguaia.

_ Trata-se do jacaré Cegão, que ficou conhecido assim depois de perder a visão durante um ataque ao canoeiro e pescador Pedro Mariscador, que para se defender durante o ataque atirou nos olhos do Jacaré Cegão, afamado pela violência e insistência com que ataca os navegantes no rio Araguaia.

_ Cegão não enxerga como os outros jacarés e dizem que depois de perder a visão ele escolhe suas vítimas pelo cheiro. Ele fica furioso e dá o bote.

²Pescador ribeirinho da ilha de São Vicente e de origem quilombola, nasceu na ilha e reside lá até hoje. É um líder da comunidade respeitado e admirado por todos. Mantém viva os valores familiares e cultiva costumes do seu povo. Tem 73 anos de idade e leva uma vida simples e dedicada a sua subsistência.

_ O jacaré Cegão é temido por todo o Araguaia, segundo o que o povo conta, poucas pessoas sobreviveram aos seus ataques traiçoeiros. Ele devora tudo: animais de toda tipo de criação (vacas, galinhas, pássaros, etc.). Coitados. Esses são os mais perseguidos.

_ Algumas vezes são encontradas canoas vazias descendo o rio. O dono, esse ninguém sabe. Sumiu! Há quem diga: _ Foi o Jacaré Cegão quem engoliu o canoeiro.

O Boto que assovia

Salvador Batista Barros

Senhor Salvador, sentado e dono de um riso acolhedor, sempre têm uma história para contar. E entre uma conversa e outra, ele recomeça:

_ Viajar pelo rio Araguaia é sempre uma grande aventura. Dizem que nas águas do velho Araguaia há um boto que assovia diferente dos demais botos.

_ Seu assovio é diferente, arrepia e hipnotiza os viajantes, fazendo com que quem esteja ao leme o siga por longos percursos do rio, e quando a pessoa volta da hipnose se encontra perdido em meio às águas do Araguaia.

_ Por este motivo e também, temendo a Mãe D'água, muitos barqueiros e canoeiros utilizam de tampões nos ouvidos para não serem hipnotizados pelos misteriosos sons do rio Araguaia.

A serra do Rosa e o porãozeiro

Salvador Batista Barros

Se ajeitando na cadeira, o ribeirinho Salvador, sem muita pausa entre a última história e a que vai começar agora, conta:

_ Contam que na Serra do Rosa morava seu Teodoro, um pescador que gostava de contar histórias.

_ Certa noite, um jangadeiro ia passando pela Serra do Rosa à noite, bastante apressado, pois além da correnteza do rio Araguaia o motor da jangada estava no máximo. Daí, o jangadeiro, o senhor Teobaldo conhecedor dos relatos de estranhas visagens e ocorrências sem explicação, conta que sua jangada de madeira descia normalmente pelo rio quando de repente tudo parou.

_ Parou o motor, a jangada, até mesmo a água do rio. Não se escutava se quer o chiado de uma muriçoca. As águas do rio paralisaram e parecia terra firme prendendo a jangada.

_ Seu Teodoro contando apenas com a luz do lampião, começou a sentir que algo puxava a frente da jangada para dentro do rio.

_ Aos poucos o rio ia engolindo a jangada e no desespero sem ter muito o que fazer seu Teodoro pegou seu facão e começou a dar golpes na água, para espantar a assombração. Com isso, a assombração foi-se embora, pois o ferro do facão cortou os fios da água que prendiam e puxavam a jangada rio adentro e tudo votou ao normal.

_ O motor do barco voltou a funcionar, as águas do rio seguiram seu curso e para trás ficava aquele ponto tenebroso da Serra do Rosa, onde muita coisa estranha acontece.

_ Esse fato não aconteceu apenas com o senhor Teodoro, mas com muitos outros jangadeiros, pescadores e viajantes que passaram por ali na Serra do Rosa.

O Travessão³

Salvador Batista Barros

_ Posso contar mais uma?

Perguntou o senhor Salvador, rememorado pelo neto sobre outras histórias.

_ Vários barcos e canoas foram engolidos por redemoinhos no travessão. Ele é perigoso e muitos pescadores e moradores ribeirinhos dizem que os redemoinhos são causados pela Boiuna, que abriu várias locas pelas margens e fundo do rio Araguaia.

_ As águas barrentas do Araguaia ajudam a camuflar a loca mais usada. A mais conhecida fica no pé da Pedra Grande onde quem por lá passa é atraído pela Boiuna por visagens. A Boiuna percorre desde a loca na região do Nego Velho, sobe e desce as águas do rio Araguaia, e ainda se esconder no porão da Igreja Matriz em Araguatins.

_ Os mais velhos ouviam os esturros dela embaixo da Igreja.

_ Toda vez que a Boiuna sai de um lugar para outro, mudando de loca em loca, o seu movimento provoca os redemoinhos do travessão. É nessa hora que os barcos andam em roda até sumir tragado pelo rio Araguaia.

_ Quem foi nunca mais retornou para contar a história. Então, verdade ou mentira, nuca saberemos.

Maria Boto⁴

Salvador Batista Barros

Anunciando ser a última história que nos contaria, o senhor Salvador, entre lembranças e esquecimentos e movido pelas inúmeras e saudosas memórias que povoam sua mente de ribeirinho, começa uma nova história. Mas essa história envolve o narrador, pois narra a de “Maria Boto”, primado senhor Salvador que na verdade se chamava Maria José, filha do senhor Messias de Dona Seriema, ribeirinhos que residiam em Araguatins.

_ Algumas pessoas falavam que era um dom, outros diziam que Maria Boto era doida. Nascida e criada nas águas do rio Araguaia, desde pequena mostrava sua paixão pelas águas do rio e acredite, ela nadava como ninguém.

_ Naquela época havia muitos botos no rio Araguaia. Maria, sem medo, se jogava nas águas do rio, mergulhava e sumia por longos minutos debaixo d’água e surgia em meio aos botos. Por isso ela foi apelidada de Maria Boto.

³O Travessão é o percurso mais conhecido do rio Araguaia, por ele se tem acesso a várias outras localidades do Tocantins e do Pará, por ele também além dos barqueiros percorrem a Boiuna, Boi D’água, a Mãe D’água, o Boto, Nonatinho, o jacaré Cegão dentre outras lendárias do estado do Tocantins.

⁴Maria Boto nascera à margem do rio Araguaia, filha de humildes pescadores ribeirinhos, ela era uma menina que tinha um comportamento diferente das demais crianças da sua idade.

_ Maria Boto cresceu em Araguaatins nas águas do Araguaia, nadando com os botos sem que nenhum animal mexesse com ela e cantando sob a areia, caminhando pela margem do rio.

De ímpeto o senhor Salvador se recorda da maldição lançada sobre Maria Boto:

_ Um dia Maria se apaixonou. E, do banco da praça do cais, Maria cantava para seu amado: “Amor palavra triste, quando se perde um grande amor...”

_ Mas o rapaz por quem Maria Boto se apaixonou já era comprometido e não poderia corresponder o seu amor.

_ A esposa do rapaz corroída pelo ciúme lançou uma maldição sobre Maria.

Conta o senhor Salvador, comovido, que a maldição foi a seguinte:

_ Maria teria como único amor, os botos. Coincidência ou não, cada vez que Maria mergulhava nas águas do rio Araguaia, e os botos vinham ao seu encontro.

_ Em Araguaatins há quem jure ter visto a Maria Boto montada no lombo de um boto saltitando pelas águas do rio.

A Pedra Grande⁵

Salvador Batista Barros

Seu Salvador Batista Barros, conta que cresceu ouvindo seu avô Henrique Julião Barros, fundador da Comunidade Quilombola na Ilha São Vicente em 1888. O senhor Julião deixou um legado de narrativas orais, dentre elas a lenda da “Pedra Grande”, história que mais lhe causava medo quando menino, diz o senhor Salvador.

Embora anunciara antes que seria a “Maria Boto” a última história que nos contaria, ainda fomos presenteados com “A Pedra Grande”.

_ A Pedra Grande guarda muitos mistérios. Muitos contam que ao passar por ela vê miragens. Não se sabe como explicar, mas como que por encanto, quem passa pelo Travessão e fica olhando muito tempo para a Pedra Grande começa a ver visagens.

_ É como se ela fosse à pedra dos desejos. Pena que seja apenas ilusório, quem se atreveu a subir na pedra, enganado pelas visagens, nunca voltou para contar o que viu.

_ Como as águas do Rio Araguaia são barrentas, ocultam o segredo da Pedra Grande.

_ Imersa sob as águas do Araguaia, bem no meio da pedra há um buraco onde se esconde a Boiuna. Quem fica muito tempo olhando para a grandiosidade da Pedra Grande, na verdade está olhando para a Boiuna que hipnotiza os viajantes com seus olhos de fogo e um chiado semelhante ao remanso do rio.

_ É assim que a Boiuna atrai suas vítimas para cima da Pedra Grande, e então traga suas vítimas para dentro do buraco e os devora.

⁵ A Pedra Grande está localizada no ponto do Travessão, um pedral que mais parece um iceberg de pedras na travessia do rio Araguaia descendo à margem esquerda do rio, sentido Estado do Pará.

Mãe D'água

Adelmar Borges⁶

Remando sua canoa, sobre as águas quase paradas,
Descendo o Araguaia rumo ao Travessão,
Um ribeirinho vê sobre uma pedra, sentada,
Distante uma moça lhe acenando com a mão.
Notou que a mesma estava lhe chamando
Para atendê-la, apressado sua canoa remou,
Mas, da pedreira, quando foi se aproximando,
A moça para às águas profundas do rio deslizou,
Pensativo para casa voltou
Ao chegar, a tristeza do filho a mãe percebeu
Impaciente com carinho ela logo perguntou
Meu filho o que foi que contigo aconteceu?
Mãe! Vi uma moça bonita, muito bonita
Enquanto eu remava ela para mim sorriu
Em seus cabelos longos, tinha um laço de fita
Quando me aproximei nas águas ela sumiu.
A mãe lhe ouvira com tristeza tudo que o filho lhe contou
No peito uma forte dor a mãe sentiu
Para não cair, num banco tosco se sentou
Com lágrimas no olhar paciente, ela pediu.
Meu filho, não vá mais ao Travessão:
Veja, a moça que você viu sentada na pedra, é a lara!
Ela é encantada, seu sorriso é a morte; quando ela canta,
Até a água do rio para.
O tempo passou
E a pobre mãe vivia sempre preocupada
Esquecendo seu pedido, o filho, um dia para pescar o rio desceu.
Mais tarde sua canoa foi encontrada, e o jovem ribeirinho nunca mais
apareceu.

O Boto

Adelmar Borges

Essa era mais uma das histórias que vovó contava
Numa residência ribeirinha quando havia uma festa
Um rapaz simpático, bem trajado chegava sorrindo,
Com um chapéu caindo sobre a testa.

As moças lançava um olhar de simpatia,
Da mais bonita tentava se aproximar
Aos encantos do rapaz a mulher não resistia
Ele, com delicadeza lhe chamava pra dançar.

⁶ Professor aposentado pela Rede Estadual de Ensino, poeta e contador de histórias. Nascido e criado em Araguatins, vive há 73 anos construindo sua história e deixando o seu legado de poeta e cidadão exemplar dedicado à família e ao trabalho. Adelmar pertence a família tradicional Borges.

A sala, a luz de lamparinas era iluminada.
Assim que o galo cantava anunciando a madrugada,
A multidão barulhenta no terreno se agrupava.

Nesse instante, o estranho da festa saía,
Sem se despedir, com passos lentos para o rio se dirigia,
Ao entrar na água, em boto novamente transformava.

Nego Veio

Adelmar Borges

O Professor Adelmar Borges, entre uma poesia e outra, nos conta uma versão do Nego Veio que foi um vaqueiro de origem afro. Conta que ele sofreu um acidente que ficou marcado na história da região.

_ Nego Velho foi um peão que não negava suas origens afro. Sua pele conservava, além das marcas do sol da dura lida diária, a cor negra. Seus dentes eram brancos, os beijos largos e na cabeça além da calvície escondida pelo chapéu de couro revelavam os duros anos de experiência na sua profissão de vaqueiro.

_ Nego Velho era um peão muito afamado por não perder de vista o boi que recebia para amansar.

Segundo Adelmar, Nego Velho sempre dizia:

- Onde quer que seja que o boi ponha a pata, o casco do meu cavalo vai atrás.

_ Mas, num fatídico dia, Nego Velho estava escalado para ajudar a tocar uma boiada pelos talhados da serra de Araguatins.

_ Nego Velho como de costume levantou cedo, bebeu um gole de café preto bem amargoso, fez um pito de palha de milho com fumo de rolo cortado com um canivete do cabo de osso de boi. Acendeu o cigarro com a binga de querosene, jogou milho para as galinhas no terreiro, chamou os cachorros e com o dia ainda meio truvo saiu para o piquete para pegar seu cavalo Baio.

_ Baio foi um cavalo bom de lida que assim como seu dono fez por merecer ter sua memória lembrada nesta cidade.

_ Mais tarde já no curral com o cavalo arriado junto aos outros peões e o gado no jeito pronto para seguir viagem por aqueles pirambal⁷ sem fronteiras de talhados de serra onde a cerca são os penhascos e despenhadeiros.

_ Tudo ia bem até que o gado que iam tocando se encontrou com uma boiada selvagem criada na larga. As reis⁸em arribada se misturaram tudo. Ninguém sabia quem era quem. Houve um estouro da boiada e cada peão seguiu para um lado atrás de uma reis desgarrada.

_ Nego Velho acunhou as esporas no Baio que saiu feito raio rasgando a serra, mas naquele momento, aquele planalto de chão firme lhe faltou as patas do Baio.

_ Em disparada, correndo sem rumo, o boi mergulhou do tai adão alto de uma altura de mais ou menos duzentos metros de altura, seguido pelo cavalo Baio e em seu lombo montado Nego Velho fazia valer o seu dizer:

⁷ Refere-se as depressões entre as serras na chapada.

⁸ Refere-se ao gado criado na larga.

_ Onde quer que seja que o boi ponha a pata, o casco do meu cavalo vai atrás.

_ Nos últimos momentos, Nego Velho vendo sua vida passar como um relâmpago pelos seus olhos viu um grande clarão. Uma luz inexplicável apareceu a sua frente, e a poucos metros de se chocar com os rochedos e as águas em corredeiras do rio Araguaia, Nego Velho chamou pela imagem de um santo que segundo ele estava presente na luz. E como que por milagre algo lhe amparou.

_ Mais tarde quando a peonada começou a se reunir, deram por falta do amigo. Saiu à sua procura, seguindo as últimas pegadas do boi e do Baio cravadas na terra.

Os peões em ato de respeito tiravam o chapéu da cabeça na medida em que iam se aproximando do despenhadeiro.

_ Sem esperanças de encontrar Nego Veio com vida, a peonada arrodearam a serra. E para surpresa de todos encontraram Nego Velho choroso pela perda de seu cavalo Baio.

_ Meses depois do ocorrido, afogado em profunda tristeza e sem exercer sua profissão, alguém encontrou o corpo do Nego Veio sem vida, largado pelo chão do pasto.

_ Contam até hoje que naquela região de Araguatins, hoje conhecida por Nego Veio, devido ao acidente ocorrido, que durante a madrugada se escuta mugidos do boi, relinchos e galopes do Baio, e gritos do Nego Veio na lida com os bichos.

Pessoas que visitam a região do Nego Velho, mesmo durante o dia, sentem arrepios e calafrios. Dizem que é um lugar tenebroso.

As corredeiras de Santa Izabel⁹

Adelmar Borges

Entre um riso e outro, e tantas memórias, Adelmar se recorda da história das corredeiras de Santa Izabel, e conta:

_ Muitos que ignoraram o perigo não terminaram sua viagem. Há muitos anos Pedro Frutuoso subindo as cachoeiras e brigando com as forças da correnteza, testemunhou um fenômeno inexplicável.

_ Diz o senhor Frutuoso que enquanto forçava o motor do barco e segurava fortemente o leme para não ser lançado contra os rochedos e ver seu barco virar estilhaços, de repente a água adormeceu de uma vez, não se ouvia barulho algum, as corredeiras e a cachoeira pararam.

_ Pasmado com o fenômeno foi conduzindo seu barco observando a calmaria. Naquele momento enxergou à sua frente os destroços de um barco naufragado, e na medida em que ia chegando perto começou a ouvir vozes, gritos de desespero, pedidos de socorro.

_ Assustado Pedro Frutuoso olhava para todos os lados, mas não via nada, apenas escutava. Tomado pelo medo, sentiu seu barco ser fortemente chacoalhado muitas vezes. Novamente segurando forte com suas mãos o leme da embarcação, percebeu que ao se distanciar daquele local as águas da

⁹ Localizada entre Araguatins e Santa Cruz, as famosas corredeiras de Santa Isabel, também conhecidas por Cachoeiras de São Bento, lugar que impõe respeito a todos os barqueiros que se aventuram a passar pelo percurso.

corredeira voltavam a correr cada vez mais feroz, forçando seu barco contra os rochedos.

_ Dizem que ainda hoje, naquele local, quem se aventura a passar por lá escuta os mesmos gritos ouvidos no passado. Dizem ainda que ali, um barco durante a madrugada chuvosa, se estilhaçou contra o rochedo e seus tripulantes continuam desaparecidos até hoje. E os gritos são as almas pedindo socorro.

O Canto do Irapuru

Adelmar Borges

Há muitos anos atrás nas terras tocantinenses, os povos indígenas começaram a ter seu território ameaçado com a chegada dos bandeirantes, portugueses, franceses e espanhóis que adentravam nas matas desbravando o território brasileiro a procura de ouro.

Assim o professor Adelmar começa a narrar outra história, quando ainda estávamos presos aos gritos das almas das corredeiras de Santa Izabel. E nos pomos a ouvi-lo.

_ Como já se sabe, o massacre sucedido aos povos indígenas foi avassalador nesta região. As tribos percebendo que não tinham chances na luta contra os homens brancos, bateram em retirada, usando o conhecimento e experiência de vida que tinham da floresta. E foram se exilando cada vez mais mata adentro, fugindo dos maus tratos, epidemias de doenças, e da exploração do homem branco.

_ A verdade é que as tribos indígenas de modo geral estavam se dizimando, e a tristeza era avassaladora.

Vendo tamanha tristeza entre seu povo, Tupã ficou comovido e para revidar enviou à terra um pássaro canoro, chamado pelos índios de Irapuru.

_ A primeira vez que o Irapuru cantou, mães e filhos indígenas reunidos na tribo choravam as perdas de filhos e mães. Ao ouvir seu maravilhoso canto, uma calma abrandou os corações dos desesperados. Os índios maravilhados começaram a procurar com os olhos, nos galhos das árvores mais altas pelo pássaro que viera trazer um pouco de felicidade a sua vida.

O canto do Irapuru é uma lenda que vive entre os povos indígenas da região tocantinense.

A Onça que Falou

Adelmar Borges

_ Antigamente existiam muitas caças nas matas, no cerrado tocantinense. Vendo tamanha fartura, os caçadores desperdiçavam, exterminando sem compaixão a fauna local.

_ Em meados de 1846, caçadores que viviam da prática predatória dos animais silvestres, unicamente para extração e venda do couro, afirma que algumas vezes, antes do sacrifício do animal, ouviam os bichos falar.

E como uma história leva a outra, o professor Adelmar faz uma pausa na história para contar outra:

_ Dizem que os índios quando ficavam bem velhinhos, se transformavam em animais e abandonavam suas tribos, indo morar sozinhos na mata, vagando por ela até os últimos dias de sua vida.

E retoma a primeira história:

_ O senhor Sebastião Corrêa, um caçador que vivia da comercialização de pele de animais silvestres, contou numa roda de conversa, que há meses tentava caçar, mas não conseguia. Era como se as caças fugissem dele.

_ Os caçadores tinham por hábito matar os bichos, tirar a pele e arrancar o couro. As carnes eram deixadas no local do abate. Daí, outros predadores aproveitavam da fartura sem muito trabalho. Foi assim que uma onça muito esperta vinha se alimentando na mata.

_ Sevada na comida fácil começou a seguir o senhor Sebastião Corrêa. Enquanto ele caçava, a onça ficava ao seu redor esperando pela carne. Os outros animais ao perceberem sua presença se afugentavam do caçador.

_ Certo dia lá para as bandas de São Martinho, Sebastião Corrêa levou seus cachorros na caçada. E a cachorrada percebendo a presença da onça, acunharam na batida dela mata adentro. Ao se sentir coagida, a onça subiu em um pequizeiro aos urros.

_ O caçador, no rastro de seus cachorros pela chapada, se assustou ao se deparar com aquele felino enorme em cima da árvore. E não pensou duas vezes, puxou um 44 papo amarelo que andava a tira colo, e do seu mocó um canela de jacamim¹⁰.

_ Ao apunhar na direção da onça, ficou de queixo caído ao ouvir a onça dizer:

- Se você atirar e errar, eu pulo em cima de você.

_ O caçador, sem ação no momento perguntou a onça:

- O que é você?

_ A onça, mirando-lhe um bote certo, respondeu:

- Sou uma velha índia que vaga por estas matas, vivendo meus últimos dias nesta forma de vida. Mas enquanto existo procuro o que comer e beber, enquanto você caçador só mata e desperdiça.

_ O caçador fitando bem nos olhos da velha índia em forma de onça, sentiu pela primeira vez em seu coração um pouco de compaixão e respondeu:

- Você caça e come para viver. Eu caço e vendo para sobreviver. E você está me atrapalhando, enquanto me ronda espanta as caças, nem eu, nem você pegamos nada a não ser um ao outro.

_ Então vamos fazer um trato. Disse o caçador.

_ Assim como tem poupado minha vida, vou poupar também a sua. Mas terá de ir embora dessas matas, vá para o outro lado do rio Araguaia, e eu não caçarei por lá.

_ E assim sucedeu, o caçador permaneceu no Tocantins e a onça atravessou o rio a nado para o Pará.

Nonatinho

Adelmar Borges

Rememorando uma história de quando menino, o professor Adelmar Borges conta que escutava sua avó lhe contar a história de uma senhora que não tinha filhos, embora desejasse muito:

¹⁰Refere-se a uma espécie de arma utilizada por caçadores.

_ Um dia, sem pensar, esta senhora esbravejou que queria ter filhos ainda que fosse um bicho. E assim meu avó contava que a pobre deu à luz a duas cobras que ao nascerem correram pra dentro das águas do rio Araguaia.

_ Lá cresceram. A cobra macho recebeu o nome de Nonatinho, e a cobra fêmea, uma serpente má conhecida por Cobra Grande.

_ As duas cobras eram muito diferentes, tanto que quando cresceram se separaram e foram morar em rios diferentes.

_ Nonatinho morava no rio Araguaia, viajava da coluna do Itaboca ao Turicuriu, antigamente Ancobaça, na Conceição do Araguaia.

_ Já a Cobra Grande morava e atacava os viajantes do rio Tocantins.

_ Nonatinho, ao contrário de sua irmã, não fazia mal a ninguém. Nas noites de festa, largava sua casca de cobra e se transformava em um rapaz belíssimo.

_ Minha avó contava que dançou muitas vezes com ele nos bailes daquela época.

_ Nonatinho tinha um grande desejo de se tornar cristão, mas para que seu desejo se tornasse realidade, era preciso que alguém ateasse fogo na sua casca de cobra enquanto tivesse transformado em gente.

_ Um dia, tomado pela fúria ao saber das maldades que sua irmã Cobra Grande vinha cometendo com os viajantes nas águas do rio Tocantins, Nonatinho se propôs perseguir em forma de uma cobra e por fim nas maldades da sua irmã.

_ Transformado em cobra, viajou pelo rio Araguaia. Chegando ao rio Tocantins convocou os botos e partiram para cima da cobra grande. Foram três dias e três noites de luta sem trégua até que conseguiram acabar com a Cobra Grande.

_ Dizem que as águas do rio Tocantins são mais barrentas que as águas do rio Araguaia por causa desta luta. É o resultado da luta entre as duas grandes serpentes e os botos, uma mistura de sangue e lama.

_ Enfim, Nonatinho voltou para o Araguaia e continuou com o desejo de se tornar ser um cristão como os outros na terra.

_ Um dia, um amigo com o coração tomado de compaixão, decidiu prestar-lhe este favor e tomou nas mãos um tambor cheio de gasolina e partiu para as margens do rio Araguaia.

_ Ao chegar na margem do rio, tamanho foi o susto do rapaz que ficou com as pernas bambas diante do tamanho da casca da cobra que era o Nonatinho. Era tão grande que o latão de vinte litros de gasolina quase não deu para molhar a toda a casca.

_ Ateou o fogo e tamanha foi a explosão que o rapaz foi atirado tão alto que se não tivesse algo para amortecer a sua queda, teria se arrebetado no chão. Para sua sorte, Nonatinho agora cristão, amparara o amigo, a quem agradeceu por sua bravura e ato de amizade, que o livrou da maldição que tanto o incomodava.

Pai do Mato

João do Bernardo¹¹

Certa vez um homem do povoado, saiu para caçar na mata lá para as bandas do Baixão do Marupá na Serra do Morcego.

¹¹Caçador e viveu por mais de 14 anos na Gameleira, município de Araguaatins.

Em casa a situação financeira não estava nada fácil, sua esposa, cinco filhos e uma panela de arroz branco para todos saciarem a fome no almoço e na janta.

Na mata, já havia andado um bom pedaço de chapada, onde costumava fazer esperas e passar à noite em trepeiros a espera de uma caça para saciar a fome da família.

Cansado de tanto andar e não conseguir ver nada o homem se senta em uma pedra, acende um pito de fumo Marata, pondo-se a abanar com a aba do boné.

Começa um breve vento e bem à sua frente um espírito montado em um queixado que lhe pede para ir até o bebedouro dos animais.

O homem assustado seguiu caminho e de longe avistou um anta bebendo.

Olhando para o espírito, pediu permissão para atirar, o qual concedeu e pediu que trouxesse parte da carne da anta sem tempero e as colocasse naquele mesmo lugar onde a teria atirado, pois daquela carne faria surgir uma nova vida substituindo a ali sacrificada.

Concordando com o espírito Pai do Mato, o homem assim o fez.

Satisfeito, agradeceu oferta da anta e a levou para tratar em casa, ao chegar entregou a caça a sua esposa e sem muita explicação pediu a ela que tirasse umas mantas de carne e sem temperar as colocasse dentro do seu embornal de caçada, enquanto fosse tomar um banho, pois fazia três dias que estava no mato.

Sua esposa tomada de ciúme, e suspeitando que o marido fosse levar a carne à outra mulher, cortou as mantas como fora pedido, mas temperou com muito sal e pimenta ardida.

O pobre homem que estava muito cansado, sem suspeitar de nada, mas ansioso por entregar a encomenda do Pai da Mata, simplesmente apanhou o mocó e retornou ao local onde havia sacrificado a anta.

Ao colocar a carne no chão sentiu suas mãos arder por causa da pimenta e do sal, antes que juntasse tudo e retornasse para casa na tentativa de reparar o mal feito, o espírito Pai da Mata apareceu, e muito aborrecido com um gesto fez com que a vegetação do Baixão do Marupá se fechasse e por onde o homem quer que passasse levava pinholadas dos cipós.

Foram mais de oito km correndo e apanhando da vegetação da mata.

Depois deste incidente nunca mais este homem conseguiu matar uma caça.

A Porteira Mal Assombrada

João do Bernaldo

O senhor João Bernaldo conta que quando era criança, e meados de 1946, ouvia muitas histórias contadas pelos adultos. Ele diz que durante as noites em que se reuniam na vizinhança e nos mutirões, cresceu ouvindo histórias de assombração.

_ As histórias eram contadas com tanta perfeição que nós, meninos bobos e inocentes, acreditávamos como se fossem realidade.

Os anos se passaram:

_ Nós havíamos nos mudado recentemente para o Tocantins. Meu patrão teria comprado uma grande área de terra e estava preparando novas pastagens para o gado. O trator estava fazendo uma grande derrubada e o terreno pedregoso fez com que uma peça do trator se quebrasse.

_ Como o concerto demorou muito, atrasando o serviço, então decidi trabalhar até tarde da noite para que assim recuperasse o tempo perdido.

_ Meu patrão logo avisou que não trabalhava no mato durante a noite, pois tinha medo de alma desencarnada.

_ Eu, tratorista acostumado dura jornada dia e noite, noite e dia, olhei bem para o senhor Dimar e sorri para ele mostrando minha dentadura de ouro.

_ Agasalhei a peça no trator, e recomecei meu serviço. A noite chegou depressa e junto com ela, a fome. Já era tarde quando desliguei o trator e peguei o caminho rumo a sede da fazenda.

_ A noite estava um breu só. Ao me aproximar os cachorros me estranharam e vieram ao meu encontro na porteira, fazendo com que eu subisse depressa no mourão de aroeira.

_ Comecei então a gritar:

- Seu Dimar.

_ Até que ele respondeu, pegou a lanterna e veio ao meu encontro iluminando o caminho. Já meio perto ele gritou:

_ Ô peão!

_ E eu cá na frente em cima do mourão de aroeira da porteira respondi bem alto:

_ Opa seu Dimar!

_ Justo nesse momento a luz da lanterna bateu na minha dentadura, e os meus dentes de ouro refletiram a luz da lanterna. Nessa hora o homem saiu gritando:

_ É a mãe do ouro! Ela veio me pegar!

_ Eu, sem entender nada, corri atrás dele e ele não parava de correr apavorado e esbravejando ter visto a Mãe do Ouro. E mais corria era fugindo dos cachorros.